

©Bazar do Tempo, 2019

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 12.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

EDIÇÃO

Ana Cecília Impellizeri Martins
Maria de Andrade

ORGANIZAÇÃO

Heloisa Buarque de Hollanda

TRADUÇÃO

Ana Cecília Acioli Lima
Anselmo da Costa Filho
Christine Rufino Dabat
Cleiton Zóia Münchow
Lea Süsskind Viveiros de Castro
Maria Betânia Ávila
Maria Paula Gurgel Ribeiro
Natália Luchini
Patrícia Silveira de Farias
Pé Moreira
Susana Bornéo Funck
Sávio Cavalcante
Tomaz Tadeu
Vera Pereira
Viviane Teixeira Silveira

PRODUÇÃO EDITORIAL

Catarina Lins
Pé Moreira

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Elisa von Randow

COPIDESQUE

Rosemary Zuanetti
Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Luiz Coelho
Vanessa Gouveia

IMPRESSÃO

Gráfica Santa Marta

AGRADECIMENTOS

Agência Riff
Editora Autêntica
N-1 Edições
Revista Estudos Feministas
Rubens Luiz Rufino de Lima
Thiago Lacaz

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Pensamento feminista: conceitos fundamentais /

Audre Lorde... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda.

Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440 p.

ISBN 978-85-639924-47-0

1. Feminismo. 2. Teoria feminista. 3. Identidade de gênero. 4. Mulheres
- Condições sociais. I. Lorde, Audre. II. Hollanda, Heloisa Buarque de.
CDD 305.42

Leandra Felix da Cruz, bibliotecária CRB-7/6135

1ª reimpressão

**Audre Lorde
Donna Haraway
Gayatri Spivak
Gloria Anzaldúa
Joan Scott
Judith Butler
Lélia Gonzalez
María Lugones
Monique Wittig
Nancy Fraser
Patricia Hill Collins
Paul B. Preciado
Sandra Harding
Silvia Federici
Sueli Carneiro
Teresa de Lauretis**

 **Bazar do Tempo**
Produções e Empreendimentos Culturais Ltda.

rua General Dionísio, 53, Humaitá
22271-050 Rio de Janeiro RJ
 contato@bazar do tempo.com.br

**Entre as mulheres lésbicas,
eu sou negra; e entre as
pessoas negras, eu sou
lésbica. Qualquer ataque
contra as pessoas negras
é um problema para
lésbicas e gays, porque
eu e milhares de outras
mulheres negras somos
parte da comunidade
lésbica. Qualquer ataque
contra lésbicas e gays é
um problema para pessoas
negras, porque milhares
de lésbicas e homens gays
são negros. Não existe
hierarquia de opressão.**

Audre Lorde

Não existe hierarquia de opressão

Audre Lorde

EU NASCI NEGRA, E MULHER. Esforço-me para ser a pessoa mais forte que eu conseguir - para viver a vida que me deram e para promover algum tipo de mudança que leve a um futuro decente para esta terra e para os meus filhos. Sendo uma pessoa negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças - uma delas, um garoto - e parte de um casal interracial, eu me lembro a todo momento de que sou parte daquilo que a maioria chama de desvirtante, difícil, inferior, ou um escancarado "errado". Por estar em todos esses grupos, aprendi que a opressão e a intolerância com o diferente existem em diversas formas, tamanhos, cores e sexualidades; e que, dentre aqueles de nós que têm o mesmo objetivo de liberação e de um futuro possível para as nossas crianças, não pode existir uma hierarquia de opressão. Eu aprendi que sexismo (a crença na superioridade inerente de um sexo sobre todos os outros e, assim, seu direito de dominar) e heterossexismo (a crença na superioridade inerente de uma forma de amar sobre todas as outras e, assim, seu direito de dominar) vêm, os dois, do mesmo lugar que o racismo - a crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, assim, seu direito de dominar. "Ah", uma voz da comunidade negra começa a falar, "mas ser negro é NORMAL!" Olhe, eu e muitas pessoas negras de minha idade nos lembramos com amargura de um tempo em que não costumava ser!

É inconcebível, para mim, que certa parte de minha identidade possa se beneficiar com a opressão de outra. Eu sei que meu povo não vai se

beneficiar com a opressão de qualquer outro grupo que esteja também na busca pelo direito de existir em paz. Na verdade, a gente se diminui quando nega aos outros tudo aquilo pelo que temos derramado sangue para conquistar por nossas crianças. Crianças que precisam aprender que elas não têm de ser todas iguais para trabalhar umas com as outras, por um futuro que elas vão dividir.

Os ataques cada vez mais frequentes a lésbicas e homens gays são só o estopim para ataques cada vez mais frequentes a todas as pessoas negras, pois onde quer que formas de opressão se manifestem neste país, pessoas negras são vítimas em potencial. E encorajar membros de grupos oprimidos a se lançarem uns contra os outros é um procedimento-padrão da direita cínica. Enquanto estivermos divididos por causa de nossas identidades particulares, não temos como estar juntos em ações políticas efetivas. Entre as mulheres lésbicas, eu sou negra; e entre as pessoas negras, eu sou lésbica. Qualquer ataque contra as pessoas negras é um problema para lésbicas e gays, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é um problema para pessoas negras, porque milhares de lésbicas e homens gays são negros. Não existe hierarquia de opressão.

Não é uma coincidência que a Lei de Proteção da Família (*Family Protection Act*), que é violentamente antimulher e antinegra, também seja antigay. Sendo uma pessoa negra, sei quem são meus inimigos. E quando a Ku Klux Klan move uma ação judicial em Detroit para fazer o comitê de educação da cidade tirar das escolas livros que ela acredita “fazerem apologia à homossexualidade”, sei que não posso me dar ao luxo de lutar contra uma única forma de opressão. Não tenho como achar que estar livre da intolerância é direito de apenas um grupo específico. E não tenho como escolher em que frente vou lutar contra essas forças discriminatórias, independente de que lado elas estejam vindo para me derrubar. E quando elas aparecerem para me derrubar, não irá demorar a que apareçam para derrubar você.



TEXTO ORIGINALMENTE PUBLICADO SOB O TÍTULO "THERE IS NO HIERARCHY OF OPPRESSION",
INTERRACIAL BOOKS FOR CHILDREN BULLETIN, VOL. 14, N° 3, NOVA YORK: COUNCIL OF INTERRACIAL
BOOKS FOR CHILDREN, 1983. TRADUÇÃO DE PÉ MOREIRA. ESTA TRADUÇÃO FOI PUBLICADA COM A
PERMISSÃO DE CHARLOTTE SHEEDY LITERARY AGENCY, A PARTIR DO LIVRO *I AM YOUR SISTER* COLLECTED
WRITINGS OF AUDRE LORDE, COPYRIGHT BY OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1990, 2009.

Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença

*Todos nós fomos
programados para reagir
com medo e ódio às
diferenças humanas e a
lidar com essas diferenças
de determinada maneira,
entre três: ignorá-las e, se
isso não for possível, imitá-
las se acharmos que são
dominantes, ou destruí-
las se acharmos que são
subordinadas.*

Audre Lorde

GRANDE PARTE DA HISTÓRIA da Europa ocidental nos condiciona a ver as diferenças humanas segundo uma oposição simplista: dominante/subordinado, bom/mau, no alto/embaxio, superior/inferior. Em uma sociedade onde o bom é definido em termos de lucro e não em termos de necessidade humana, há sempre um grupo de pessoas que, por meio de uma opressão sistematizada, é obrigado a se sentir supérfluo, a ocupar o lugar do inferior desumanizado. Dentro dessa sociedade, esse grupo é composto por negros e pessoas do Terceiro Mundo, trabalhadores, idosos e mulheres. Como uma negra lésbica, feminista, socialista de 49 anos, mãe de dois filhos, inclusive um menino, e membro de um casal interracial, em geral me vejo fazendo parte de algum grupo definido como outro, pervertido, inferior ou simplesmente errado. Em termos tradicionais, na sociedade americana, são os membros de grupos oprimidos e coisificados que devem se esforçar para conciliar a realidade de sua vida e a consciência de seu opressor. Para sobreviver, aqueles de nós para quem a opressão é tão americana quanto uma torta de maçã, sempre tiveram de permanecer vigilantes, conhecer a linguagem e as atitudes do opressor, chegando a adotá-las certas vezes para ter alguma ilusão de proteção. Sempre que surge a necessidade de alguma espécie de comunicação, aqueles que lucram com nossa opressão nos chamam para compartilhar com eles nosso conhecimento. Em outras palavras, cabe ao oprimido ensinar ao

Audre Lorde

opressor seus erros. Eu sou responsável pela educação de professores que desprezam a cultura de meus filhos na escola. Nós, pessoas negras e do Terceiro Mundo, temos de educar pessoas brancas acerca de nossa humanidade. As mulheres têm de educar os homens. As lésbicas e os homens gay's têm de educar o mundo heterossexual. Os opressores mantêm sua posição e fogem da responsabilidade por seus atos. Existe uma constante drenagem de energia que poderia ser mais bem usada em redefinir a nós mesmos e em criar cenários realistas para modificar o presente e construir o futuro.

A rejeição institucionalizada da diferença é uma necessidade absoluta em uma economia baseada no lucro que precisa de forasteiros como supravit. Como membros dessa economia, todos nós fomos programados para reagir com medo e ódio às diferenças humanas e a lidar com essas diferenças de determinada maneira, dentre três: ignorá-las e, se isso não for possível, imitá-las se acharmos que são dominantes, ou destruí-las se acharmos que são subordinadas. Mas não temos modelos para conviver com nossas diferenças como iguais. Em consequência disso, essas diferenças têm sido mal interpretadas e mal utilizadas a serviço da separação e da confusão.

Sem dúvida, entre nós existem diferenças bem reais de raça, idade e gênero. Mas não são elas que estão nos separando e sim nossa recusa em reconhecer essas diferenças e em examinar as distorções que resultam do fato de nomeá-las de forma incorreta e aos seus efeitos sobre o comportamento e a expectativa humana.

Racismo, a crença na superioridade inata de uma raça sobre todas as outras e, assim, o direito à predominância. Sexismo, a crença na superioridade inata de um sexo sobre o outro e, assim, o direito à predominância. Discriminação etária. Heterossexismo. Elitismo. Classismo.

É tarefa da vida inteira para cada um de nós retirar essas distorções de nossa vida ao mesmo tempo que reconhecemos, reivindicamos e definimos essas diferenças com base nas quais elas são impostas. Pois todos nós fomos criados em uma sociedade na qual essas distorções faziam parte de nossa vida. Com muita frequência usamos a energia necessária para reconhecer e explorar as diferenças, para fingir que essas diferenças são barreiras insuperáveis, ou que elas simplesmente não existem. Isso resulta em um isolamento voluntário, ou em vínculos falsos e traíçoeiros. De uma forma ou de outra, não desenvolvemos mecanismos para usar a diferença humana como um trampolim para uma mudança criativa em nossa vida. Não falamos de diferenças humanas, mas de anormalidade humana.

Em algum lugar, no limiar da consciência, existe o que eu chamo de uma norma mítica, por meio da qual cada um de nós sabe, dentro do coração, que "esse não sou eu". Na América, essa norma é comumente definida como branco, magro, macho, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável. É com essa norma mítica que as armadilhas do poder existem dentro da sociedade. Aqueles de nós que estamos afastados desse poder geralmente identificamos uma maneira pela qual somos diferentes, e supomos que essa é a causa básica de toda opressão, esquecendo outras distorções em torno da diferença, algumas das quais nós mesmos podemos estar praticando. De modo geral, dentro do movimento das mulheres hoje, as mulheres brancas se concentram em sua opressão como mulheres e ignoram diferenças de raça, preferência sexual, classe e idade. Existe a falsa aparência de uma homogeneidade de experiência sob a capa da palavra *irmãonde* que de fato não existe.

Diferenças de classe não reconhecidas privam as mulheres da energia e do insight criativo umas das outras. Recentemente, um grupo de trabalho de uma revista feminina tomou a decisão de publicar apenas prosa em um dos números, dizendo que poesia era uma forma de arte menos "rigorosa" ou "séria". Entretanto, até mesmo a forma que nossa criatividade assume é geralmente uma questão de classe. De todas as formas de arte, a poesia é a mais econômica. É a mais secreta, a que exige menos trabalho físico, menos material, e aquela que pode ser feita entre turnos, no ambulatório do hospital, no metrô e em sobras de papel. Ao longo dos últimos anos, escrevendo um romance com um orçamento apertado, vim a apreciar as enormes diferenças em termos de demanda material entre poesia e prosa. Ao revermos nossa literatura, a poesia foi a voz mais importante dos pobres, dos trabalhadores e das mulheres de cor. Um quarto apropriado pode ser uma necessidade para escrever prosa, assim como resmas de papel, uma máquina de escrever e um bocado de tempo. As exigências para produzir artes visuais também ajudam a determinar, em termos de classe, que arte pertence a quem. Nestes tempos de preços inflacionados de material, quem são nossos escultores, nossos pintores, nossos fotógrafos? Quando falamos de uma cultura feminina de largo espectro, precisamos nos dar conta do efeito de classe e das diferenças econômicas no material existente para produzir arte.

Ao caminharmos em direção a uma sociedade criativa em que todos podemos prosperar, a discriminação etária é outra distorção de relacio-

namento que interfere sem visão. Ao ignorar o passado, somos encorajados a repetir seus erros. O “fossó entre gerações” é uma importante ferramenta social para qualquer sociedade repressora. Se os membros mais jovens de uma comunidade consideram os membros mais velhos como imprestáveis ou suspeitos ou excedentes, eles jamais serão capazes de dar as mãos e examinar as lembranças vivas da comunidade, nem fazer a pergunta mais importante, “por quê?”. Isso provoca uma amnésia histórica que nos obriga a reinventar a roda toda vez que temos de ir comprar pão na padaria.

Vemo-nos obrigadas a repetir e a reprender sem parar as mesmas velhas lições que nossas mães aprenderam porque não passamos adiante o que aprendemos ou porque somos incapazes de ouvir com atenção. Por exemplo, quantas vezes isso tudo foi falado antes? E ainda, quem teria acreditado que mais uma vez nossas filhas estão permitindo que seus corpos sejam incomodados e castigados por cintas, saltos altos e saias justas? Ignorar as diferenças de raça entre mulheres e as implicações dessas diferenças representa a mais séria ameaça à mobilização de forças das mulheres.

Enquanto as mulheres brancas ignoram seu privilégio natural de brancura e definem a mulher apenas em termos de sua própria experiência, as mulheres de cor se tornam “outras”, as forasteiras cuja experiência e tradição são “exóticas” demais para se entender. Um exemplo disso é a ausência marcante da experiência de mulheres de cor como material em estudos sobre mulheres. A literatura de mulheres de cor raramente é incluída em cursos de literatura de mulheres e quase nunca em outros cursos de literatura, nem em estudos sobre as mulheres em geral. Com muita frequência, a desculpa dada é que as literaturas de mulheres de cor só podem ser ensinadas por mulheres de cor, ou que são muito difíceis de entender, ou que os alunos não conseguem “se interessar” por elas porque têm de experiências “diferentes demais”. Eu ouvi esse argumento apresentado por mulheres brancas de inteligência brilhante, mulheres que não parecem ter problema nenhum em ensinar e rever obras nascidas de experiências tão variadas quanto as de Shakespeare, Molière, Dostoiévski e Aristófanes. Seguramente, deve existir outra explicação. Essa é uma questão muito complexa, mas acredito que uma das razões pelas quais as mulheres brancas têm tanta dificuldade em ler a obra das mulheres negras é por causa de sua relutância em ver as mulheres negras

como mulheres e diferentes de si mesmas. Para examinar a literatura de mulheres negras, é realmente necessário que sejamos vistas como pessoas completas em nossa verdadeira complexidade – como indivíduos, como mulheres, como seres humanos – e não como um desses estereótipos problemáticos mas familiares existentes nesta sociedade no lugar de imagens genuínas de mulheres negras. E acredito que isso vale também para as literaturas de outras mulheres de cor que não são negras.

As literaturas de todas as mulheres de cor recriam as texturas de nossa vida, e muitas mulheres brancas estão altamente comprometidas em ignorar as verdadeiras diferenças. Pois enquanto qualquer diferença entre nós significa que uma de nós tem de ser inferior, então o reconhecimento de qualquer diferença deve estar carregado de culpa. Permitir que mulheres de cor abandonem os estereótipos é algo que provoca muita culpa, pois ameaça a complacência daquelas mulheres que só veem a opressão em termos de gênero.

Recusar-se a reconhecer a diferença torna impossível enxergar os diferentes problemas e armadilhas que nós, mulheres, enfrentamos. Assim, em um sistema de poder patriarcal onde o privilégio de ter pele branca é uma escoria importante, as armadilhas usadas para neutralizar mulheres negras e mulheres brancas não são as mesmas. Por exemplo, é fácil para a estrutura de poder usar mulheres negras contra homens negros, não porque eles são homens, mas porque são negros. Portanto, para nós, mulheres negras, é necessário o tempo todo separar as necessidades do opressor de nossos próprios conflitos em nossas comunidades. Esse mesmo problema não existe para mulheres brancas. Mulheres e homens negros compartilharam e ainda compartilham opressão racista, embora de formas diferentes. Por causa dessa opressão compartilhada, criamos defesas e vulnerabilidades conjuntas uns em relação aos outros que não se repetem na comunidade branca, com exceção do relacionamento entre judeus e judeus.

Por outro lado, as mulheres brancas enfrentam a armadilha de serem seduzidas a se juntar ao opressor sob o pretexto de compartilhar o poder. Essa possibilidade não existe da mesma maneira para as mulheres de cor. O tokenismo¹ que às vezes nos é oferecido não é um convite para compartilhar o poder; nossa “diversidade” racial é uma realidade visível que deixa isso bem claro. Para as mulheres brancas, existe uma gama maior de falsas escolhas e recompensas para se identificarem com o poder patriarcal e seus instrumentos.

Hoje, com a derrota da ERA (Equal Rights Amendment – direitos iguais para as mulheres), a retração da economia e o avanço do conservadorismo é de novo mais fácil para as mulheres brancas acreditam na perigosa fantasia de que se você for suficientemente boa, bonita, doce, calada, se você ensinar seus filhos a se comportar, se você odiar as pessoas certas e se casar com os homens certos, então você terá permissão para coexistir com o patriarcado em relativa paz, pelo menos até que um homem precise de seu emprego ou apareça um estuprador nas vizinhanças. E é verdade, a menos que se viva e ame nas trincheiras, é difícil lembrar que a guerra contra a desumanização é incessante.

Mas nós, mulheres negras e nossos filhos, sabemos que o tecido de nossa vida é costurado com violência e ódio, que não há descanso. Não lidamos com isso apenas nas filhas de piquete, ou em becos escuros à noite, ou nos lugares onde ousamos verbalizar nossa resistência. Para nós, cada vez mais, a violência permeia a rotina de nossa vida – no supermercado, na sala de aula, no elevador, na clínica e no pátio da escola, vindas do bairro, do padeiro, da vendedora, do chofer de ônibus, do caixa de banco, da garçonete que não nos atende.

Compartilhamos alguns problemas como mulheres, outros não. Vocês temem que seus filhos cresçam e se juntem ao patriarcado e testemunhem contra vocês, nós tememos que nossos filhos sejam arrancados de um carro e assassinados com um tiro no meio da rua, e que vocês darão as costas às razões pelas quais eles estão morrendo.

A ameaça da diferença não foi menos ofuscante para pessoas de cor. Aqueles de nós que são negros precisam ver que a realidade de nossa vida e nossas lutas não nos torna imunes aos erros de ignorar e dar o nome errado à diferença. Dentro das comunidades negras onde o racismo é uma realidade presente, as diferenças entre nós geralmente parecem perigosas e suspeitas. O imperativo de unidade muitas vezes é confundido com uma necessidade de homogeneidade, e uma visão feminista negra confundida com traição de nossos interesses comuns como povo. Por causa da batalha contínua contra supressão racial que homens e mulheres negros compartilham, algumas mulheres negras ainda se recusam a admitir que nós também somos oprimidas como mulheres, e que a hostilidade sexual contra mulheres negras é praticada não apenas pela sociedade branca racista, mas implementada também dentro de nossas comunidades negras. É uma doença que atinge o coração da nacional.

dade negra, e o silêncio não fará com que ela desapareça. Exacerbada pelo racismo e pelas pressões da impotência, a violência contra mulheres e crianças negras normalmente se torna um padrão dentro de nossas comunidades, um padrão pelo qual a masculinidade pode ser medida. Mas esses atos de ódio contra a mulher quase nunca são discutidos como crimes contra mulheres negras.

Como grupo, as mulheres de cor são os trabalhadores que ganham o menor salário na América. Somos os primeiros alvos de aborto e esterilização forçados, aqui e no estrangeiro. Em certas partes da África, meninas ainda estão sendo costuradas entre as pernas para se conservarem doces e para o prazer dos homens. Isso é conhecido como circuncisão feminina, e não é uma questão cultural, como insistia o falecido Jomo Kenyatta, mas sim um crime contra mulheres negras.

A literatura de mulheres negras está cheia da dor de agressões constantes, não só por parte de um patriarcado racista, mas também de homens negros. No entanto, a necessidade e a história de uma guerra comum fizeram de nós, mulheres negras, particularmente vulneráveis à falsa acusação de que antissemita é o mesmo que antinegro. Enquanto isso, o ódio contra as mulheres como um recurso dos impotentes está minando a força das comunidades negras, e nossas próprias vidas. O estupro está aumentando, comunicado ou não, e estupro não é sexualidade agressiva, é agressão sexualizada. Como diz Kalamuya Salaam, um escritor negro: “Enquanto existir a dominação masculina, o estupro irá existir. Só com as mulheres se revoltando e os homens se conscientizando de sua responsabilidade em lutar contra o sexismo é que o estupro pode ser coletivamente detido.”

Diferenças entre nós como mulheres negras também estão sendo mal interpretadas e usadas para nos separar umas das outras. Como uma lésbica feminista negra, confortável com os diversos ingredientes de minha identidade, e uma mulher comprometida com a liberdade racial e sexual, vejo que sempre estou sendo encorajada a arrancar algum aspecto de mim mesma e mostrar esse aspecto como sendo o todo significativo, eclipsando ou negando as outras partes do eu. Mas essa é uma maneira destrutiva e fragmentada de viver. Só disponho de toda a minha energia concentrada quando integro todas as partes de quem eu sou, abertamente, permitindo que a força de determinadas fontes de minha vida flua livremente através de meus diferentes eus, sem as restrições de

uma definição imposta de fora. Só então posso colocar a mim mesma e às minhas energias como um todo a serviço das lutas que abraço como parte de minha vida.

Um medo de lésbicas, ou de serem acusadas de lésbicas, levou muitas mulheres negras a testemunhar contra si mesmas. Isso levou algumas comunidades de mulheres brancas, o heterossexismo é às vezes resultado de uma identificação com o patriarcado branco, uma rejeição àquela interdependência entre mulheres que se identificam como mulheres (*women-identified women*) que permite que o eu exista em vez de ser usado a serviço dos homens. Às vezes isso reflete uma crença ultraconservadora na característica protetora dos relacionamentos heterossexuais, às vezes um autodesprezo contra o qual todas as mulheres têm de lutar, que nos é ensinado desde que nascemos.

Embora existam elementos dessas atitudes em todas as mulheres, há uma ressonância especial de heterossexismo e homofobia entre as mulheres negras. Apesar do fato de a relação próxima entre mulheres negras que se identificam como mulheres nos campos políticos, sociais e culturais, as mulheres negras heterossexuais tendem a ignorar ou desconsiderar a existência e o trabalho das lésbicas negras. Parte dessa atitude nasceu de um terror compreensível do ataque do homem negro dentro do estreito confinamento da sociedade negra, onde o castigo para qualquer demonstração de autoafirmação feminina ainda é ser acusada de ser lésbica e, portanto, indigna da atenção ou do apoio dos poucos homens negros. Mas em parte essa necessidade de rotular incorretamente e ignorar as lésbicas negras vem de um medo muito real de que as mulheres negras que se identificam abertamente como não mais dependentes dos homens para se autodefinirem possa reordenar todo o nosso conceito de relações sociais.

Mulheres negras que antes insistiam que o lesbianismo era um problema de mulheres brancas agora insistem que lésbicas negras são uma ameaça à nacionalidade negra, que estão se juntando ao inimigo, que são basicamente não negras. Essas acusações, vindas das próprias mulheres para quem olhamos em busca de uma compreensão profunda e verdadeira, serviram para manter muitas lésbicas negras escondidas, presas

entre o racismo de mulheres brancas e a homofobia de suas irmãs. Muitas vezes o trabalho delas tem sido ignorado, trivializado ou deturpado, como ocorre com a obra de Angelina Grimké, Alice Dunbar-Nelson, Lorraine Hansberry. Entretanto, mulheres unidas por fortes vínculos sempre tiveram algum papel na força das comunidades negras, desde nossas tias solteiras até as amazonas de Daomé.

E sem dúvida não são lésbicas negras que estão agredindo mulheres e estuprando crianças e avós nas ruas de nossas comunidades.

Por todo este país, assim como ocorreu em Boston na primavera de 1979, em seguida aos assassinatos não elucidados de doze mulheres negras, as lésbicas negras estão liderando movimentos contra a violência às mulheres negras.

Quais são os detalhes específicos em nossa vida que podem ser examinados e mudados para ajudar a promover transformações? Como redefinimos diferença para todas as mulheres? Não são nossas diferenças que separam as mulheres, mas nossa relutância em reconhecer essas diferenças e lidar de maneira eficaz com as distorções provocadas pelo fato de ignorarmos e interpretarmos de modo errado essas diferenças.

Como um mecanismo de controle social, as mulheres foram encorajadas a reconhecer apenas uma área de diferença humana como legítima, aquelas diferenças que existem entre mulheres e homens. E aprendemos a tratar essas diferenças com a urgência de todos os subordinados oprimidos. Todas nós tivemos de aprender a viver, trabalhar ou coexistir com homens, a partir de nossos pais. Identificamos e negociamos essas diferenças, mesmo quando essa identificação apenas prosseguiu com o velho modelo dominante/subordinado do relacionamento humano; onde os oprimidos têm de reconhecer a diferença dos senhores a fim de sobreviver.

Mas nossa sobrevivência futura depende de nossa capacidade em nos relacionar na igualdade. Como mulheres, precisamos desenraizar padrões internalizados de opressão que existem dentro de nós mesmas se quisermos ir além dos aspectos mais superficiais da mudança social. Agora precisamos reconhecer diferenças entre mulheres que são nossas iguais, nem inferiores nem superiores, e encontrar maneiras de usar a diferença para enriquecer nossas visões e nossas lutas. O futuro de nossa terra talvez dependa da capacidade de todas as mulheres em identificar e desenvolver novas definições de poder e novos modelos de convivência com a diferença. As velhas definições não serviram para nós nem para

a terra que nos sustenta. Os velhos modelos, não importa o quanto inteli-
gentemente organizados para imitar o progresso, ainda nos condenam a
repetições cosmeticamente alteradas das mesmas velhas trocas, da mes-
ma velha culpa, de ódio, recriminação, lamentação e desconfiança.
Pois temos embutidos em nós velhos esquemas de expectativa e res-
posta, velhas estruturas de opressão, e esses devem ser alterados ao
mesmo tempo que alteramos as condições de vida que são um resultado
dessas estruturas, porque as ferramentas do senhor jamais desmontarão
a casa do senhor.

Como Paulo Freire mostra tão bem em *Pedagogia do oprimido*², o ver-
dadeiro foco da mudança revolucionária nunca está simplesmente nas
situações opressivas das quais buscamos fugir, mas sim naquele peda-
ço do opressor que está plantado no fundo de cada um de nós, e que só
conhece as táticas do opressor, as relações do opressor.

Mudar significa crescer, e crescer pode ser doloroso. Mas aperfeiçoá-
mos nossa identidade expondo o eu no trabalho e na luta ao lado daquelas
que definimos como diferentes de nós, embora compartilhando os mes-
mos objetivos. Tanto para mulheres negras quanto para brancas, velhas
e jovens, lésbicas e heterossexuais, isso pode significar novos caminhos
para a nossa sobrevivência.

Nós escolhemos umas às outras
e o limite das batalhas de umas e outras
a guerra é a mesma
se perdermos
um dia o sangue das mulheres irá coagular
sobre um planeta morto
se vencermos
não há como saber
buscamos além da história
por um novo e mais possível encontro.³

NOTAS

1 N.E.: Termo derivado do inglês *token*, que significa símbolo. Denota a prática de realizar pequenas concessões às minorias para afastar o risco de acusações de preconceito ou discriminação.

2 Ver Paulo Freire, *The Pedagogy of the Oppressed*, Nova York: Siburi press, 1970 [Pedagogia do oprimido, São Paulo: Paz e Terra, 1968].

3 Do poema “Outlines” in *The Collected Poems of Audre Lorde*, Nova York: WW. Norton and Co., 1997.